

Documentos Nº 84

ISSN 1516-8840
Dezembro, 2001

**REORGANIZANDO A COMUNIDADE RURAL:
UMA EXPERIÊNCIA COM AGRICULTORES
FAMILIARES PERIFÉRICOS EM PELOTAS- RS**

João Pedro Zabaleta
Paulo Dallmann
Marlé Lucas Buroxit
Beatriz Torres Victora
Luiz Carlos Migliorini
Maria Clarisse da Rosa

Embrapa

Clima Temperado

Área de Comunicação Empresarial
Pelotas, RS
2001

Embrapa Clima Temperado, Documentos, nº 84

Pedidos desta publicação:

Caixa Postal 403
96001-970 - Pelotas, RS
Biblioteca: (53) 275.8126
Comercialização: (53) 275.8199
Fax: (53) 275.8219 - 275.8221
e-mail: sac@cpact.embrapa

Tiragem: 100 exemplares

Comitê de Publicações

Ana Luiza Barragana Viegas
Ariano Martins Magalhães Júnior
Exedito Paulo Silveira (Presidente)
Flávio Luiz Carpena Carvalho
Regina das Graças Vasconcelos dos Santos
Rogério Waltrick Coelho
Vera Allgayer Osório
Eliane Augustin (Suplente)
Walkyria Bueno Scivittaro (Suplente)
Editor Geral: Exedito Paulo Silveira
Maria Eneida Tombezi (Secretária Executiva)
Formatação Eletrônica: Oscar Castro
Sérgio Ilmar Vergara dos Santos

Reorganizando a comunidade rural: uma experiência com agricultores familiares periféricos em Pelotas-RS./ João Pedro Zabaleta... [et al.]. – Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2001. 20p. - (Embrapa Clima Temperado. Documentos, 84).

ISSN 1516-8840

1. Agricultura familiar – Comunidade rural – Organização. 2. Agroecologia – Hortaliça – Avicultura. 3. Desenvolvimento rural – Pequeno produtor - Sócio economia. I. Zabaleta, João Pedro. II. Série.

CDD 634.22

Sumário

Introdução	5
Metodologia	6
a) Aspectos sociológicos da metodologia	7
b) Hortas	8
c) Aves	10
Roteiro Tecnológico	11
Roteiro tecnológico para instalação das hortas	11
Roteiro tecnológico para criação de aves de postura	11
Custos.....	13
Resultados	13
Hortas	13
Aves	15
Organização da comunidade	16
Parcerias	16
Conclusões	17
Bibliografia Consultada	19
Bibliografia Recomendada	20

Introdução

Em 1999, funcionárias de dois Postos de Saúde da Prefeitura Municipal de Pelotas observaram casos recorrentes de doenças infantis relacionados à subnutrição. Uma enfermeira, uma bióloga e uma assistente social, identificaram uma comunidade rural, Comunidade Jesus de Nazaré, na Colônia Santo Antônio, 7º distrito de Pelotas, em situação de extrema pobreza. Por iniciativa própria as funcionárias acionaram o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente o qual, por sua vez, convidou a Emater-Pelotas, Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e Embrapa Clima Temperado, para apoiarem ações no sentido de aumentar a produção local de alimentos. Dessa forma foi criado o “Grupo de apoio ao desenvolvimento da Comunidade Jesus de Nazaré”, mantendo-se o grupo aberto para a participação de outros atores sociais. A participação das profissionais nas áreas de saúde, assistência social e biologia, ocorreu inicialmente de forma voluntária.

Este grupo identificou problemas graves na comunidade nas áreas de saúde, alimentação (desnutrição infantil), alcoolismo (frequente), moradia (exíguas e precárias face ao rigor do inverno e com ausência de condições mínimas de higiene na casa, não dispendo de banheiros, muitas vezes nem latrinas, consumo de água contaminada (coliformes fecais) e vestuário em condições inadequadas ou insuficientes para as condições de inverno. As crianças em idade pré-escolar eram as mais afetadas pela subnutrição por não disporem de merenda escolar. Composto o quadro de desnutrição observou-se a desorganização social da comunidade, com ausência de trabalhos e discussões coletivas. Na verdade a fome e o alcoolismo não poderiam ser analisados numa visão pontual, desconhecendo os fatores predisponentes ao aparecimento desses problemas. A desorganização social da comunidade (o seu pequeno capital social) foi um ponto que exigiu a inclusão de ações no sentido de aumentar as trocas entre a comunidade, estimulando a discussão de problemas comuns e buscando a interação da comunidade com os atores sociais externos. Esse trabalho coletivo levou a um início de organização da comunidade onde começou a atuar a “Associação Comunitária Jesus de Nazaré”.

A comunidade, segundo classificação adotada pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentos (FAO, 1994, p.5), enquadra-se na categoria de agricultores familiares periféricos, que são

aqueles agricultores que tendem à degradação, seja pela migração para as cidades, seja pela pulverização fundiária. Suas propriedades consistem mais em locais de residência e subsistência de uma mão-de-obra ociosa que propriamente locais de produção. Não possuem as condições necessárias para competir no mercado nacional ou internacional, por falta de acesso ao mercado e a fatores-chaves para a atividade de produção, como terra, capital, trabalho familiar, e um nível mínimo de informação geral. "Sua integração produtiva à economia nacional depende de fortes e bem estruturados programas de reforma agrária, crédito, pesquisa, assistência técnica, extensão rural, agroindustrialização, comercialização, dentre outros" (Brasil, 1996, p. 7).

Na comunidade, a exemplo de inúmeras comunidades no Brasil e outras partes do mundo como África, Índia e China, "o desafio que a humanidade tem hoje com relação ao meio rural, é tornar viável e fazer com que se tornem agricultores aqueles que foram marginalizados pela primeira Revolução Verde (Abramovay, 1995, p.67).

Face à carência de recursos monetários e de organização coletiva, a comunidade, juntamente com o grupo de apoio, optou pela produção familiar numa perspectiva agroecológica, ao invés da produção coletiva em maiores volumes. O objetivo foi de autoconsumo (no primeiro momento) e comercialização (no momento seguinte). Optou-se pela produção de hortaliças e aves (postura) tendo em vista as boas perspectivas para comercialização de produtos diferenciados quanto aos métodos de produção.

Metodologia

A visão de pesquisa adotada pela Embrapa para a agricultura familiar incorpora "à visão econômica, uma visão social e outra ecológica" (Embrapa, 1998, p. 12), por entender que apenas a introdução de tecnologias novas ou adaptadas não atingiriam os impactos maiores desejáveis na realidade rural. Nesse sentido, salienta que "a organização e a capacitação do produtor familiar são condições indispensáveis para a obtenção de resultados mais efetivos de pesquisa e desenvolvimento".

A metodologia de pesquisa adotou a visão de pesquisa agrícola preconizada pelo Centro Internacional de Pesquisa Agrícola Orientada ao Desenvolvimento (ICRA-Wageningen, Holanda). A visão do ICRA

(Mettrick, 1993, p.12) é a de que a “pesquisa agrícola orientada ao desenvolvimento é obviamente focada na melhoria das condições materiais (dos membros pobres da sociedade rural), mas deve estar a par das aspirações sociais e culturais de seus clientes, se for para ser efetiva¹”. A visão do ICRA soma-se à visão agroecológica², utilizada no trabalho com a comunidade.

a) Aspectos sociológicos da metodologia

O paternalismo é uma característica comum em diversos trabalhos anteriores na comunidade, que ocorreram com diferentes instituições. Doações de alimentos, roupas, remédios deixaram a comunidade acostumada a pedir, pedir, sempre na expectativa de obter um favor especial ou um presente de algum visitante. A situação de pobreza e as dificuldades em organizar um trabalho a médio prazo que apontasse para a sustentabilidade da comunidade contribuíram para que técnicos, religiosos, assistentes sociais, lideranças políticas, enfim cidadãos munidos de sensibilidade social, mas premidos pela realidade local, doassem ou corressem para obter algo para minimizar os problemas das pobres famílias. A visão do grupo coordenador do trabalho foi aquela citada por Paulo Freire (1987, p.37) onde “a realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso”. Nesse sentido, seria necessário o estabelecimento de uma proposta de educação onde os produtores se descubram como sujeitos ativos de seu desenvolvimento. Ao mesmo tempo o papel exercido pelo grupo elaborador do projeto deveria ser o de coordenador, que “tem por função dar as informações solicitadas pelos

¹ “A efetividade diz respeito à preocupação da organização com seu relacionamento externo, sua sobrevivência e atendimento das reais necessidades sociais. Pressupõe-se uma combinação de eficácia e eficiência em seus processos. A efetividade é garantida na medida em que os processos geram seus produtos ou serviços a baixo custo (eficiência) e com qualidade (eficácia), resultando na satisfação do cliente, atingindo seus objetivos e obtendo reconhecimento desses clientes e da sociedade”. (Brasil, 2001, p. 55)

² “A busca de um processo participativo que mobilize as capacidades, recursos e conhecimentos (gerais e dos processos ecológicos) que os pequenos produtores possuem, é uma diferenciação da estratégia de desenvolvimento rural humano e agroecológico”. (Yuryevic, 1998, p.268)

respectivos participantes e propiciar condições favoráveis à dinâmica do grupo, reduzindo ao máximo sua intervenção direta no curso do diálogo”.

Na questão do gênero o papel da mulher, mãe, que se encarrega da alimentação da família foi identificado como questão chave para a sustentação da proposta de produção de alimentos para consumo doméstico. O homem rural (certamente não só o rural), na questão da produção, tem sua atenção e trabalho voltados, prioritariamente, para lavouras e criações que possam gerar excedentes monetários, que por sua vez possam ser novamente investidos em equipamentos, infraestrutura, sementes e fertilizantes, visando o crescimento econômico da família. Dessa forma, investir na produção de alimentos para consumo familiar encontraria nas mulheres um maior apoio que nos homens. Provavelmente, a partir da ocorrência de excedentes comercializáveis, os agricultores chefes de família começariam a interessar-se e participar mais ativamente das atividades rotineiras de produção. Nesse sentido, o grupo de apoio privilegiou a participação das mulheres e crianças nas atividades de instalação e condução de hortas e aviários.

Entendendo que o paternalismo se faz necessário em alguns momentos do trabalho, mas que apresenta também alguns efeitos negativos, o grupo de apoio buscou obter, a cada ação desempenhada na comunidade, uma contrapartida das famílias, como estratégia para o desenvolvimento auto sustentado da comunidade.

Estas duas questões relativas à exigência de contrapartida e o trabalho com as mulheres e adolescentes foram salientadas pela experiência obtida por um programa argentino “PRO-HUERTA” direcionado a públicos semelhantes ao da Comunidade Jesus de Nazaré e que tivemos ocasião de visitar em Buenos Aires e Mar del Plata, em 1997, a convite do ICRA (Wageningen, Holanda). Posteriormente recebemos a visita de um técnico do INTA da Rep. Argentina, Sociólogo Juan Galarça, que reforçou estas questões.

b) Hortas

A proposta de instalação de hortas buscou diversificar a alimentação, aumentando a ingestão de vitaminas e sais minerais. O uso de métodos participativos, em uma perspectiva holística, que estimulasse os produtores a assumirem seu papel como sujeitos ativos no desenvolvimento de suas comunidades, foi adotado nas relações entre o grupo de apoio multidisciplinar e a comunidade (Figura 1).



Figura 1. Os diversos atores envolvidos

Respeitando-se a visão sobre a questão de gênero, estimulou-se a participação de mulheres na instalação e condução das hortas. Com o objetivo de animar a comunidade realizou-se um curso de um dia com as agricultoras, crianças, adolescentes e agricultores. Foram convidadas 20 famílias, sendo o convite endereçado principalmente às agricultoras. Na instalação das hortas, após discussão com a comunidade, optou-se pela realização de hortas individuais ao invés de coletivas. Na opção pela horta familiar pesaram os seguintes argumentos:

- a) maior facilidade para trabalhos de produção;
- b) maior facilidade para consumo;
- c) desorganização social da comunidade

Buscando o envolvimento ativo das famílias e desestimulando possíveis efeitos paternalistas, que seriam contrários à sustentabilidade da produção (tendo em vista que as instituições e voluntárias se retirarão após certo período de tempo) solicitou-se uma contrapartida dos agricultores familiares. Os agricultores deveriam ter suas hortas cercadas com bambu (material disponível) e solo preparado para, após a inspeção de um técnico do grupo de apoio, receber calcário e sementes. Os insumos foram doados pelos componentes do grupo de apoio. Posteriormente, durante o desenvolvimento das plantas, as hortas foram

visitadas pelos técnicos da Emater e Embrapa e as voluntárias nas áreas de saúde e assistência social. O trabalho, nas reuniões coletivas, foi direcionado ao consumo das hortaliças, explicando valor nutritivo e estimulando as agricultoras a aproveitarem de diferentes maneiras as hortaliças produzidas como, por exemplo, sopa de legumes, massa com legumes, etc...

c) Aves

A proposta de criação de aves ocorreu no sentido de aumentar a ingestão de proteínas pela comunidade, especialmente crianças e adolescentes. Buscou-se também envolver adolescentes e crianças neste trabalho com objetivos de:

- a) estimular novas relações na comunidade (relações externas com técnicos e consumidores), que contrapõem-se aos padrões normais de alcoolismo, indolência, etc, vigentes na famílias locais.
- b) oferecer alternativas de produção,
- c) gerar renda.

A criação de frangos e poedeiras no modelo de transição (convencional para ecológico) busca atender ao crescente mercado de carne e ovos representado por consumidores que buscam estes produtos com características mais próximas daquelas condições naturais de criação, evitando ovos e frangos produzidos em aviários industriais.

O projeto foi endereçado e aprovado pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (Pelotas), tendo em vista seu caráter gerador de renda e aspectos pedagógicos. Ao final de 1999, o grupo recebeu R\$ 10.000,00 para a execução do Projeto. Ante a indisponibilidade de técnicos, no grupo, na área de avicultura, buscou-se incluir no trabalho novos parceiros que conhecessem os processos tecnológicos para produção de ovos e frangos de corte. Nesse sentido o grupo contatou e passou a receber a participação ativa do Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça (UFPel) e de um médico veterinário da Emater-Pelotas.

Roteiro Tecnológico

Roteiro tecnológico para instalação das hortas

No curso técnico as agricultoras cercaram uma horta utilizando os recursos disponíveis (bambu), aplicaram calcário, esterco e semearam as hortaliças. Na fase inicial de instalação das hortas foram doados às famílias arame, calcário e sementes.

A distribuição inicial de sementes foi mais limitada, abrangendo poucas espécies, para maior facilidade de produção. As distribuições posteriores (semestrais) continham maior número de espécies. Na primeira distribuição de sementes, optou-se por apenas oito espécies: alface, beterraba, cenoura, couve, couve-flor, nabo, rabanete e repolho. As espécies distribuídas na primavera de 2001 foram as seguintes:

<i>Espécie</i>	<i>Gramas de sementes para cada família</i>	<i>Espécie</i>	<i>Gramas de sementes para cada família</i>
Abóbora	1,6	Flores	0,4
Abóbora-japonesa	0,4	Melancia	0,4
Agrião	0,2	Melão-gaúcho	0,4
Alface	0,8	Mostarda	1,2
Beterraba	16	Nabo	4
Cebola	20	Pepino	2
Cenoura	2	Rabanete	8
Couve-flor	0,4	Repolho	0,4
Ervilha	20	Tomate	0,2
Espinafre	2		

Roteiro tecnológico para criação de aves de postura

O sistema de criação adotado, embora não totalmente ecológico ainda, aproxima-se mais de um modelo de criação natural. Diferentemente dos aviários tradicionais, as aves são criadas soltas, dispendo de um pátio cercado (ou completamente soltas em alguns casos), ciscando e retornando ao abrigo à noite ou em condições de tempo adverso. As rações não contem nenhum ingrediente de origem animal (como farinha de peixe, carne ou de ossos), nem qualquer componente que promova o crescimento artificial dos animais.

A Embrapa Suínos e Aves (Concórdia-SC), encaminhou para o projeto 500 pintos postura comercial de um dia da linhagem Embrapa 051 (poedeira colonial de duplo propósito), 345 pintos matrizes de um dia da linhagem Embrapa 041 (corte colonial - 300 machos e 45 fêmeas) e 345 pintos matrizes de um dia da linhagem Embrapa 051 (poedeira colonial) (300 machos e 45 fêmeas). Estas duas linhagens foram desenvolvidas para o manejo ecológico. As matrizes da Embrapa 041 (corte Colonial) e Embrapa 051 (Postura Colonial) foram alojadas no Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça, a partir das quais foram obtidos os ovos férteis, que, após incubados, originaram as linhagens comerciais 041 e 051, que foram repassadas aos produtores. A Cosulati (Cooperativa Sul-Riograndense de Laticínios Ltda.) ofereceu-se para alojar os pintos de um dia (500 pintos postura comercial) e criá-los até a fase de início de postura, utilizando seu aviário. Com receio de que os produtores abatessem as galinhas antes do começo da fase de postura estas foram entregues já em postura. Cada uma das famílias inscritas recebeu 29 galinhas em postura. A contrapartida solicitada foi a execução do aviário no modelo proposto pela equipe técnica do projeto, direcionando a proposta para um modelo em transição entre o convencional e o plenamente ecológico. Os produtores receberam ração suplementar ao pasto e milho obtidos da própria propriedade. A entrega da ração seguinte foi condicionada ao pagamento de uma contrapartida por parte das produtoras, buscando arrecadar recursos para auto-sustentação da compra deste insumo. A contrapartida utilizada foi a cobrança de uma dúzia de ovos, a nova “moeda local”, para cada saco de ração recebida, o que equivaleria a cerca de 10 % do custo da ração. A contrapartida foi utilizada em porcentuais crescentes sobre o custo das rações, nas entregas posteriores.

Utilizando-se os recursos disponíveis no projeto, foram adquiridos os seguintes itens para distribuição aos agricultores: telhas para cobertura dos aviários, pregos, lonas para laterais dos aviários, bebedouros, comedouros, rações para suplementação de aves de postura, galinhas em fase de postura, sementes de milho e de pastagens.

Posteriormente ao alojamento das aves (poedeiras comerciais) o grupo sentiu a necessidade de que fosse dado aos produtores, uma orientação mais aprofundada sobre o assunto e então surgiu a idéia de ser ministrado aos produtores um curso sobre criação e manejo de galinhas coloniais, abordando temas relativos a estas linhagens e também a outras linhagens ou raças que podem ser criadas com o mesmo

objetivo. O curso foi ministrado pelo professor Paulo Roberto Dallmann, do Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça, e realizou-se na comunidade, no período de 3 a 24/ outubro de 2001.

Custos

Os custos para participação dos parceiros foram bancados pelas instituições, que, além de seu pessoal envolvido na proposta ainda ofereceu transporte e outros apoios eventuais. As voluntárias participaram do trabalho sem remuneração. A primeira distribuição de sementes foi obtida pelo apoio da Emater-Pelotas. Vários outros itens foram oferecidos pelas instituições parceiras ou, em alguns casos, pelos próprios representantes das instituições envolvidas no processo. A partir da liberação de recursos para o projeto, as aquisições de sementes passaram a ser custeadas pelo projeto. Foram investidos recursos em sementes de pastagens (pasto para alimentação das galinhas, responsável pela coloração amarelada das gemas), sementes de milho (para composição da ração das galinhas em postura), rações de postura e construção dos aviários. A aquisição de telhas consistiu no maior custo para construção dos galinheiros.

Resultados

Os trabalhos na comunidade se iniciaram em meados de 1999. Passados dois anos de ação, observam-se os seguintes resultados:

Hortas

A implantação das hortas contribuiu para a diversificação da nutrição das famílias, cujo componente básico é amido. Ainda que não atingindo seu potencial de produção, as hortas familiares trouxeram para a mesa quantidades significativas de sais minerais e vitaminas, na forma de couve (a mais comum), couve-flor, cenoura, beterraba, rabanete e nabo. Os pontos limitantes à produção nas hortas foram:

- a) irrigação insuficiente (ausência de estrutura para tal);
- b) pouca disponibilidade de matéria orgânica

O fato de as mulheres serem priorizadas no curso que precedeu a instalação das hortas foi recebido na comunidade sem maiores problemas. De parte do grupo de agricultores (homens) ocorreram pequenas resistências. Pequenas, no sentido de que as hortas não despertavam maiores interesses ou contrariedades. A visão anterior e posterior constatação foi a de que os homens conhecem o trabalho de produção de hortas (e por vezes sabem aproveitar os recursos naturais de forma muito racional), mas não o executam. Essa postura evidenciou-se em alguns momentos do curso para produção ecológica de hortaliças, quando os agricultores se mostravam sabedores dos processos de produção, mas não possuíam hortas em suas propriedades. A partir da maior importância recebida pela mulher agricultora na produção de hortaliças para o consumo familiar, as hortas passaram a receber maior atenção e resultaram na inclusão de crianças e adolescentes nos trabalhos cotidianos de produção.

Um resultado positivo observado foi com relação ao estímulo à produção. Fruto do trabalho coletivo em andamento, da participação em um curso e das reuniões na comunidade, onde sempre se buscou levar algo que resultasse numa mudança concreta para os produtores, ainda que pequena, foi a motivação que atingiu a comunidade. O relato espontâneo de um produtor durante uma visita, exemplifica a asserção.

Depoimento de um produtor

-“ Eu estava aqui conversando com minha mulher e olhando a horta e pensei: Quanta coisa que nós podemos fazer e não fizemos. Até me entusiasmei e vou fazer mais coisas na lavoura”. Selmar é um dos produtores mais pobres da comunidade. Perdeu um filho menor, por afogamento, recentemente. Recebe periodicamente medicamentos tranqüilizantes do Posto de Saúde da Prefeitura para tratamento da esquizofrenia. A enfermeira do posto informou que Selmar havia reduzido a dose da medicação, no período de instalação das hortas.

Aves

Sem dúvida, o maior impacto concreto do trabalho foi a produção de ovos no modelo colonial. A proposta que foi aplicada em 17 famílias

(três optaram por participar apenas das hortas) obteve uma produção diária que oscilou entre uma e duas dúzias de ovos por família. Este volume contribuiu significativamente para a melhoria nutricional das famílias, gerando excedentes para comercialização. No mercado urbano a dúzia de ovos coloniais alcançava preço superior (50 a 80%) ao do mercado local (doceiros, armazéns e vizinhança). Dessa forma o excedente, ainda que aparentemente inexpressivo em termos monetários, contribuíram para a aquisição de outros alimentos. Considerando-se os valores atuais da ração (milho, pastagens e ração suplementar) a produção, nos moldes tecnológicos instalados, além dos resultados nutricionais já obtidos, é viável economicamente. O grande diferencial na comercialização é o apelo visual do ovo colonial, por suas características internas (coloração e consistência da gema) e externas (coloração da casca).

O paulatino engajamento da comunidade nas reuniões e atividades de organização e produção tornou-se evidente após as primeiras semanas de recebimento das aves de postura. A possibilidade concreta de comercialização de excedentes chamou a atenção das famílias e as reuniões ocorreram com maior presença da comunidade. Aproveitando o crescimento da comunidade, o grupo coordenador iniciou a transferência da responsabilidade da tarefa de comercialização para a própria comunidade. A tarefa que havia sido assumida pelos coordenadores poderia ser realizada pela comunidade, se organizada, motivada para tal. Nesse sentido chamou a atenção do grupo o depoimento de um produtor, radicalmente contra esta transferência.

Depoimento de um produtor durante uma reunião:

“Vocês garantiram a compra dos ovos e agora vão nos dizer que nós temos que vender. Nosso negócio é produzir e vocês tem que vender!”

No dizer de Paulo Freire (1987 p.35) a proposta pedagógica “libertadora” ocasiona uma dualidade que se instala no íntimo dos “oprimidos”. “Querem ser, mas temem ser”, enfrentando a ansiedade ocasionada pelo próprio crescimento do grupo que enfrenta o dilema de “seguirem prescrições ou terem opções”, “entre serem atores ou espectadores”. No depoimento, o produtor mostra “o receio inconsciente

da liberdade” ao sentir-se como membro da comunidade caminhando rumo a auto-sustentabilidade, não mais tutorado por lideranças externas sejam técnicas, religiosas ou políticas.

Organização da comunidade

A instalação de hortas e aviários exigiu reuniões e participação crescente da comunidade. Assim como a fome não é um fator isolado, mas parte de um sistema maior, a organização da comunidade foi e continua sendo um fator decisivo para o êxito da proposta. O grande impacto na organização da comunidade ocorreu devido à necessidade de estabelecimento de uma forma conjunta de comercialização, que possibilitasse o acesso ao mercado urbano. A necessidade de coleta, classificação dos ovos, identificação da produtora, propiciou o surgimento de um grupo de produtoras que coordenou o processo de administração e comercialização da produção coletiva. De forma incipiente, a comunidade iniciou então a criação da Associação Comunitária Jesus de Nazaré, o que significaria mais uma etapa rumo a sustentabilidade da comunidade. O desenvolvimento do associativismo é extremamente importante para projetos com agricultores familiares, já que sem mudança social na comunidade, não ocorrerá o desenvolvimento buscado³.

Parcerias

A consolidação de parcerias multi-institucionais, abrangendo diferentes áreas do conhecimento foi fundamental para a instalação de hortas e aviários. O papel das voluntárias nas áreas de saúde, assistência social e biologia, que trabalharam, inicialmente, movidas por suas convicções filosóficas, foi fundamental para incluir a problemática da

³ “No seu trabalho de construção, o sujeito, no caso o agricultor familiar, atua modificando tanto o meio material, como o social e o cultural” (Branderburg, 1999, p.40). “As interações entre indivíduos produzem as relações sociais”, e o movimento social (em nosso caso a Associação) é o espaço adequado para ação, reflexão e construção deste agricultor familiar, numa perspectiva de sustentabilidade.

fome e desorganização social na agenda de trabalho das instituições que atuam neste projeto. Como os recursos das instituições públicas são crescentemente escassos, o estabelecimento de parcerias efetivas, ágeis, é fundamental para ações com este tipo de público. É importante que, da mesma forma que os agricultores familiares, os representantes das instituições envolvidas no trabalho assumam também o papel de sujeitos e atores ativos (e criativos) da proposta de trabalho de desenvolvimento de comunidades carentes. Um fator que contribuiu para o desenvolvimento dos trabalhos na comunidade foi a complementaridade dos trabalhos executados, onde cada instituição teve seu espaço próprio de atuação, atingindo seus objetivos institucionais e, por conseqüência, obtendo também uma melhoria na sua imagem institucional perante o público rural e urbano da região.

Conclusões

A fome no meio rural pode ser minimizada a partir da contribuição multidisciplinar de instituições e voluntários que atuam no meio rural. Por meio da elaboração de um programa comum de trabalho, as instituições e voluntários contribuíram significativamente para a melhoria nutricional da comunidade. A visão agroecológica, buscando a utilização dos insumos disponíveis na propriedade, como mão-de-obra e matéria orgânica, mostrou-se capaz de viabilizar o aumento na oferta de alimentos para o consumo familiar (ovos e hortaliças diversas), gerando um pequeno excedente de renda e novas perspectivas para as famílias, especialmente adolescentes e crianças da comunidade. Foi observado também uma redução de casos de desnutrição infantil na comunidade, observados no Posto de Saúde Municipal.

No campo da tecnologia, a introdução da linhagem BR 051, obteve grande impacto, com baixo índice de mortalidade de aves. O impacto foi significativo ao ponto de o Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça-UFPEL, multiplicador das matrizes cedidas pela Embrapa Suínos e Aves, passar a comercializar pintos dessas linhas, não conseguindo atender à demanda de produtores da região interessados em raças adaptadas ao manejo ecológico.

Outro resultado significativo como exemplo de viabilidade técnica, embora insignificante em termos de volume, é a oferta de um produto diferenciado, demandado pelo consumidor urbano.

Um aspecto relevante deste trabalho, de melhoria nutricional das famílias, via horta e aviários, é a conclusão de que a simples destinação de recursos em programas de caráter meramente assistencialistas não significa investimentos apenas na alimentação. O aumento de renda, nesta faixa social, normalmente é destinado à melhoria nutricional (um percentual significativo) e outro para vestuário, habitação, etc.. Inclusive, cabe salientar que, como a ocorrência de alcoolismo é freqüente na comunidade, certamente parte desses recursos serão transformados em bebidas alcólicas. Dessa forma, a oferta de uma dúzia de ovos, ou uma salada, na realidade é equivalente, em termos econômicos, a um aumento da renda familiar em um valor muito superior ao custo de produção deste alimento. Ou seja, para que, pela visão tradicionalmente econômica do desenvolvimento rural, obtivéssemos este alimento na mesa da comunidade seria necessário um aumento na renda familiar bem superior ao custo de produção deste alimento quando produzido na própria família. Dessa forma a produção de alimentos no meio familiar para autoconsumo é uma alternativa, ou talvez, um caminho mais efetivo, para a melhoria nutricional das famílias e para o estabelecimento de políticas sociais voltadas para a erradicação da fome.

A contrapartida por parte dos produtores, é um dos principais componentes pedagógicos do projeto, estimulando as famílias a assumirem o papel de sujeito de seu desenvolvimento e o de gradativamente ir eliminando os indesejáveis (mas insubstituíveis, inicialmente) aspectos paternalistas da proposta de trabalho, como doação de rações, galinhas, lonas, bebedouros,...

Bibliografia Consultada

ABRAMOVAY, R. **Trechos do debate sobre orientação do programa de pesquisa "Sistemas de produção da agricultura familiar"**. In: SEMINÁRIO NACIONAL DO PROGRAMA DE PESQUISA EM AGRICULTURA FAMILIAR DA EMBRAPA, 1., 1995, Petrolina. **Anais**. Petrolina: Embrapa Semi-Árido, 1995. 137p.

BRANDENBURG, A. **Agricultura familiar: ONGs e desenvolvimento sustentável**. Curitiba: ed. da UFPR, 1999. 326p. UFPR (Pesquisa 42).

Brasil, Ministério da Agricultura e do Abastecimento **PRONAF - Programa Nacional de fortalecimento da agricultura familiar. Programa Nacional de fortalecimento da agricultura familiar**. Brasília, 1996. 37p.

Brasil, Ministério da Agricultura e do Abastecimento, **Manual de manejo das poedeiras coloniais de ovos castanhos**. Concórdia: Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves, 2000. 8p.

Brasil, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Metodologia de análise e melhoria de processos da Embrapa**. 3 ed. ver. ampl., Brasília: Embrapa – Sede. 2001. 86p.

EMBRAPA. Serviço de Produção de Informação. **Subsídios para o desenvolvimento da agricultura familiar brasileira**. Brasília: SPI, 1998. 40p. (Agricultura Familiar, 1)

FAO/INCRA **Diretrizes de política agrária e desenvolvimento sustentável** - Brasília: FAO, 1994. 24p.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido** 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 184p.

METTRICK, H. **Development oriented research in agriculture: an ICRA textbook**. Wageningen: ICRA, 1993. 287p.

YURYEVIC, A. Um desarrollo rural humano y agroecológico. In: ALTIERI, M., NICHOLLS, C. **Curso intensivo de agroecología y desarrollo sustentable: conceptos y práctica**. Chile: CET e CLADES, 1998, p.268-282.

Bibliografia Recomendada

FIGUEIREDO, E.A.P.; ÁVILA, V.S.; BRUM, P.A.R.; JAENISCH, F.R.F.; PAIVA, D.P.; BRUM, E. **Frango de corte colonial Embrapa 041**. Concórdia: EMBRAPA CNPSA, 2001. 8p.

MAZUCO, H.; ROSA, P.S.; PAIVA, D.P.; JAENISCH, F.; MOY, J. **Manejo e produção de poedeiras comerciais**. Concórdia: EMBRAPA – CNPSA, 1997. 67p.